



CABEÇA DO CACHORRO: BELEZAS E DESAFIOS NA DISPUTA POR SENTIDOS

Sabrina Sant'Anna Rizental¹

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o funcionamento discursivo de determinadas denominações que circulam numa cidade localizada no extremo Noroeste do Brasil, no interior do Estado do Amazonas, onde indígenas e não indígenas se relacionam e são afetados por modos distintos de compreender a vida e o mundo. Mobilizando noções da Análise do Discurso de base materialista e tomando esta cidade como espaço simbólico de significação, este trabalho focaliza o modo como a denominação movimenta as relações entre os sujeitos e os sentidos que se constituem na contradição estruturante dessa sociedade fortemente marcada pela diversidade étnica e linguística, nas fronteiras de diferentes formações discursivas, onde os dizeres se misturam e os sentidos sempre podem ser outros.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Denominação. Táxi-Lotação. A Serra da Bela Adormecida. Água Branca.

RESUMEN

Este artículo propone una reflexión sobre el funcionamiento discursivo de ciertas denominaciones que circulan en una ciudad ubicada en el extremo noroeste de Brasil, en el interior del Estado de Amazonas, donde indígenas y no indígenas interactúan y son afectados por diferentes formas de comprender la vida y el mundo. Movilizando nociones de Análisis del Discurso con base materialista y tomando esta ciudad como espacio simbólico de significación, este trabajo se centra en el modo en que la denominación mueve las relaciones entre los sujetos y los sentidos que se constituyen en la contradicción estructuradora de esta sociedad fuertemente marcada por la diversidad étnica y lingüística, en las fronteras de diferentes formaciones discursivas, donde los dichos se mezclan y los sentidos siempre pueden ser otros.

Palabras-clave: Análisis del Discurso. Denominación. Taxi-Colectivo. La cordillera de la Bella Durmiente. Agua Blanca.

INTRODUÇÃO

A cidade não é apenas um espaço ocupado por pessoas, veículos, vegetação, edificações, contornada por ruas, campos e rios, mas um espaço simbólico e político de linguagem e significação que se constitui por relações de força e poder, por dizeres e silêncios. Ela se movimenta entre o temporário e a permanência, testemunhando diferentes formas de conexão com os elementos que já existiam antes dela, onde diferentes posições de sujeito se relacionam produzindo ao mesmo

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: sabrina.santanna.k@gmail.com



tempo as relações entre os sentidos que emergem do e no cruzamento de diferentes formações discursivas.

Aqueles que estão de passagem pela cidade produzem gestos que alteram sua dinâmica, enquanto os que nela criaram raízes ratificam a memória construída ao longo de sua história ou, como explica Eni Orlandi (2003), rompem com essa memória ao fazerem gestos que a transformam.

Quando analisamos a dinâmica urbana, devemos considerar as condições de produção a partir das quais os sentidos e os sujeitos se constituem e se movimentam significando esse espaço. Por exemplo, ao pensarmos as condições de produção macro em relação à cidade grande², como costumamos nos referir à capital de alguns Estados do Brasil, mobilizamos uma construção imaginária sobre seu funcionamento estrutural e discursivo. Pensamos num lugar onde a articulação dos projetos de desenvolvimento local – em relação à mobilidade urbana, à saúde, à educação, à tecnologia, ao lazer etc. – costuma ser mais substancial; um lugar onde é possível encontrar uma diversidade maior de produtos para consumo, onde as atividades cotidianas fluem num ritmo mais acelerado, onde a privacidade costuma ser mais preservada, entre outras características que tendem a estabilizar os sentidos reforçando esse imaginário vinculado ao modo de dizer, nomear “cidade grande”. Cabe ressaltar que nesse processo de significação também testemunhamos outros funcionamentos que materializam a resistência e a ruptura do *status quo*.

Esse efeito de cristalização dos sentidos não é muito distinto numa cidade pequena, se a pensarmos em oposição ao imaginário atribuído à cidade grande e considerando boa parte das cidades localizadas no interior dos Estados. É claro que as cidades menores possuem características específicas que as assemelham entre si, como, por exemplo, a convivência mais próxima entre os habitantes, dificultando a preservação da privacidade, mas também produzindo uma sensação maior de acolhimento. Em muitos casos, essas cidades também são menos robustas em termos estruturais e possuem uma dinâmica mais limitada em determinados aspectos, tais como o sistema de transporte interno, a saúde, a possibilidade de variadas opções de lazer e atividades culturais, entre outras áreas que são afetadas pela falta de investimentos e outras dificuldades.

Considerando esse modo de pensar a cidade e direcionando a atenção aos processos que a significam a partir de noções teóricas da Análise do Discurso (AD) de base materialista, este artigo propõe uma reflexão sobre as relações entre sujeitos e sentidos numa região do extremo Noroeste do Brasil. Num olhar para a materialidade do discurso – língua, texto, imagem – focalizo determinadas denominações que lançam os sentidos em direções diversas, levando em conta que “todo dizer é um gesto político, porque toda significação tem uma direção, divide”, como afirma Orlandi (2004, p.129).

Meu olhar é o olhar de quem chega, vinda de outros interiores e também da cidade grande, mas, sobretudo, o olhar analítico que, na perspectiva discursiva, busca “ver como se produzem ideologicamente os sentidos e os sujeitos dentro da sociedade e na história” (ORLANDI, 2003, p.8). É importante dizer que quando me refiro à ideologia, tomo emprestado o modo como Rogério

² É importante salientar que ao dizer “cidade grande” compreendo-a não apenas em função de suas características físicas, tais como extensão geográfica, condições estruturais, recursos etc., mas considerando como sua urbanidade fornece elementos a partir dos quais se instauram as condições de produção de sentidos nesse espaço de significação. Nessa perspectiva, podemos dizer que nem todas as capitais dos Estados brasileiros são necessariamente significadas como cidades grandes. Do mesmo modo, é legítimo afirmar que determinadas cidades do interior de alguns Estados produzem sentidos que remetem à construção imaginária de uma cidade grande.



Modesto (2018) a explica, isto é, como algo manifestado em práticas cotidianas e gestos específicos, não importando a amplitude desses gestos.

O modo como os sujeitos se relacionam com as coisas do mundo é fundamentalmente sustentado pela questão da materialidade. E isso é ideológico. As coisas são como são pela própria evidência ideológica e isso atravessa a relação dos sujeitos com as práticas materiais sustentadas pela formação social capitalista. A ideologia, desse modo, está na forma material de apresentação das coisas e na maneira como se lida com elas. Está no fato de [...] um católico fazer o sinal da cruz ao passar por uma igreja, ou no modo como as carteiras em uma sala de aula devem (ou não) estar direcionadas para o quadro e, fundamentalmente, para a mesa da professora, ou ainda no fato de que, para aquele que acredita no dever e na justiça, é importante denunciar. (ibid., p.48)

Concordando com Modesto, compreendemos que não é possível estar fora da ideologia, somente como indivíduos que perambulam por aí sem ocupar uma posição de sujeito, ou seja, uma posição discursiva. Somos interpelados pela ideologia a todo instante e dessa forma nos constituímos sujeitos, podendo ocupar ora uma posição ora outra, dependendo das condições de produção e da forma como nos identificamos (ou não) com determinados discursos e determinadas práticas.

A partir dessa perspectiva, proponho um percurso etnográfico que me permite analisar o modo como os habitantes dessa cidade se referem às suas características marcantes. No contato com os locais, mas também com os colegas docentes que vêm de outros lugares e com os estudantes – prioritariamente indígenas que nasceram e cresceram nessa região – observo, escuto e me debruço sobre os dizeres que circulam nessa e sobre essa cidade. Dizeres que significam também esse Brasil onde os sentidos sempre podem ser outros.

1 SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, CABEÇA DO CACHORRO

No interior do Estado do Amazonas encontramos São Gabriel da Cachoeira, cidade conhecida pelas belezas naturais, por fazer fronteira com a Colômbia e a Venezuela, por ser dita como “a cidade mais indígena do Brasil” (UFAM, 2024) no que se refere à concentração de diferentes etnias. Os resultados do Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2023, registraram 51.795 habitantes em sua totalidade e a densidade demográfica era de 0,47 habitantes por quilômetro quadrado, numa área territorial de 109.192,562 km². A população estimada para 2024 era de 56.406 pessoas.

O município concentra “o maior percentual de indígenas do Brasil, com mais de 98% de sua população pertencente a uma das 23 etnias catalogadas”, segundo o IBGE³, tais como as etnias Arapaço, Baniwa, Barasana, Baré, Desana, Hupda, Karapanã, Kubeo, Kuripako, Makuna, Mirititapuya, Nadob, Pira-tapuya, Siriano, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wanana, Werekena e Yanomami⁴.

³ Conforme declarado na Cerimônia de Posse da Nova Diretoria da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) - Gestão 2024-2028, 24 povos indígenas vivem na região do Rio Negro. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/4aJ4zkzYU5E?si=gR2JCIfN7S0QB8-I>. Acesso em: 02/08/2024.

⁴ Ao elencar as etnias em ordem alfabética, levo em conta a “complexa trama social” que as organiza no Noroeste Amazônico, diferenciando-as “da maior parte das sociedades amazônicas pela existência de grupos

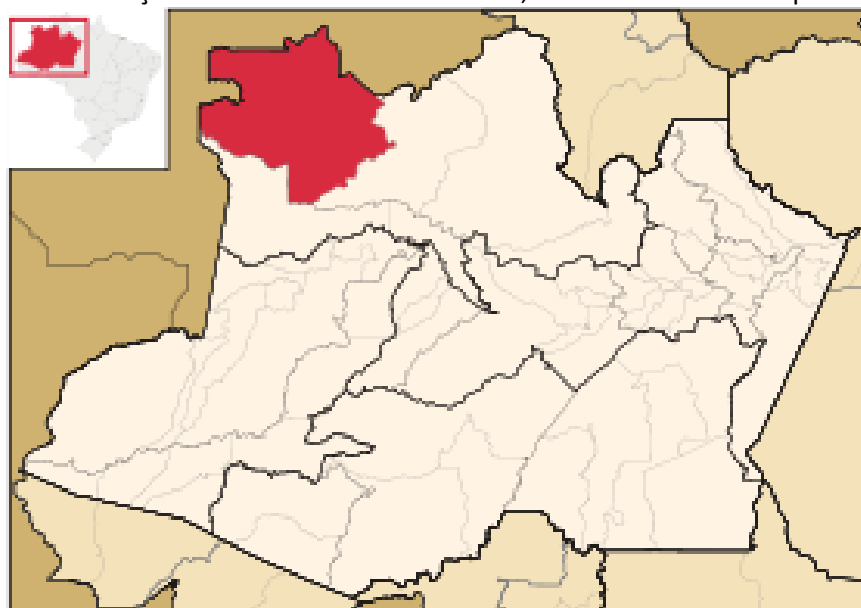


Isso significa dizer que a cada 10 habitantes, 9 são indígenas. Tais etnias pertencem “a cinco famílias linguísticas Tukano Oriental, Aruak, Yanomami, Japurá-Uaupés (Maku) e Tupi (Nheengatu falado pelos povos Baré, Werekena e parte dos Baniwa do baixo rio Içana), falantes entre 20 a 23 línguas indígenas” (GOMES, 2013).

São Gabriel da Cachoeira se destaca pela diversidade linguística, pelas paisagens deslumbrantes e pelas corredeiras do Rio Negro, chamadas “cachoeiras”, que, diferentes das que conhecemos em outras regiões do Brasil – que costumam ser quedas d’água, muitas vezes altas e com grande volume de água – são pontos ao longo do rio onde há maior concentração de pedras que movimentam o curso das águas e impactam o tráfego fluvial, dificultando a navegabilidade, dependendo da época do ano – nesse caso no período de estiagem. As serras e os morros também compõem esse cenário, tais como a serra do Imeri, onde está localizado o Pico da Neblina, cuja subida tem início em São Gabriel da Cachoeira, a serra de Curicuriari, também conhecida como “Serra da Bela Adormecida” e o Morro da Boa Esperança.

Segundo o site “DistânciaCidades.net” (2024), considerando uma linha reta, a cidade está localizada a uma distância de 862,56 km da capital do Estado, na calha do Alto Rio Negro, numa região também denominada “Cabeça do Cachorro”, pois o formato de seu território no mapa do Brasil se assemelha à cabeça desse animal.

Figura 1: Localização de São Gabriel da Cachoeira, terceiro maior município do Brasil.



Fonte: Reprodução Wikipedia

Partindo de Manaus, há duas formas de chegar em São Gabriel da Cachoeira: em dois voos semanais, com duração aproximada de 1h25min., e via fluvial, como ocorre entre a maioria dos municípios localizados no interior do Estado do Amazonas. A viagem pelo Rio Negro pode variar entre 24 horas e 4 dias, dependendo da embarcação e da época do ano, determinada pela cheia ou pela seca do rio.

de descendência patrilinear, nomeados, exogâmicos e idealmente hierarquizados” (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2025).



O abastecimento de água da cidade é feito pela captação das águas do Rio Negro e das águas subterrâneas oriundas de poços artesianos⁵.

2 DENOMINAÇÕES, SUJEITOS E SENTIDOS

Ao pensar a cidade a partir de uma perspectiva discursiva, como espaço de interpretação e construção de um “*senso comum*” que permite que o sujeito se situe, se posicione no mundo, compreendemos o “espaço urbano” como um espaço que é interpretado e significado na circulação de discursos que organizam (física e juridicamente) as relações legitimadas em gestos de interpretação.

[...] a cidade (e seus espaços) não refere a um domínio de objetos definidos empiricamente, mas a um domínio de interpretação, que permite ao sujeito se situar no mundo. Assim, a cidade (e seus espaços), ela mesma já é interpretação, que se impõe ao sujeito como evidência, produzida pelo efeito do trabalho da ideologia no discurso. (ZOPPI-FONTANA, 1999)

A legitimação das relações em gestos de interpretação pode ser evidenciada no impacto causado naqueles que vêm de diferentes lugares do Brasil – que se assemelham em seu *modus vivendi*⁶ – e encontram em São Gabriel da Cachoeira um funcionamento particular. Obviamente esse efeito se dá em outras regiões e cidades com suas peculiaridades, mas vale destacar aspectos da articulação do coletivo que produzem sentidos no funcionamento cotidiano, como, por exemplo, na mobilidade urbana: como em tantas outras cidades há táxis circulando pelas ruas, mas na Cabeça do Cachorro eles são denominados “lotação”, cobram um valor fixo e são usualmente compartilhados entre passageiros que não necessariamente se conhecem, permitindo, desse modo, transportar várias pessoas ao mesmo tempo.

É lógico que esse não é um funcionamento exclusivo dessa cidade e se assemelha ao funcionamento do transporte público em outras regiões do país – ônibus, metrô, VLT, BRT, barcas, voadeiras, lanchas etc. –, mas em São Gabriel da Cachoeira também encontramos o ônibus que atende a população conectando alguns bairros específicos. Os táxis aos quais me refiro e cujos veículos são identificados como tal, ao serem denominados como “lotação”, lançam os sentidos em outras direções. No momento em que os veículos circulam visualmente identificados como táxis, correspondendo à determinada categoria de transporte, mas são denominados “lotação” e funcionam como tal, os sentidos deslizam remetendo à outra categoria de transporte. Esse exemplo nos diz sobre um “domínio de interpretação” (id.) que situa o sujeito nessas condições de produção, nessa cidade com suas especificidades. O que trago à tona na análise do significante “lotação”, correspondendo a uma denominação, é que em outras regiões, em outros Estados e cidades, os táxis são geralmente utilizados de modo individual por aqueles que têm maior poder aquisitivo. O táxi-lotação de São Gabriel da Cachoeira pode ser utilizado por todos aqueles que não possuem veículo próprio e desejam ou necessitam deslocar-se desse modo, independentemente da posição

⁵ Poço artesiano. Disponível em: <https://www.infoescola.com/hidrografia/poco-artesiano/>. Acesso em: 13/07/2024.

⁶ Capitais e cidades do interior de outros Estados, mas também Manaus e outras cidades do interior do próprio Estado do Amazonas.



ocupada pelo sujeito: trabalhador(a), estudante, turista, indígena, não indígena etc. “Lotação”, nesse caso, faz com que os sentidos deslizem, produzindo outros efeitos.

Seguindo na análise de algumas denominações que significam a cidade, diferenciando-a de outras, São Gabriel da Cachoeira chama a atenção também pelo modo como outras coisas são ditas, tais como alguns lugares que são denominados a partir de uma estória ou lenda de origem indígena, mobilizando diferentes formações imaginárias na relação entre diferentes posições de sujeito.

Costa (2014), a partir dos trabalhos de Pêcheux (1969), Orlandi (1990-1996) e Mariani (1998), explica “a *denominação* na relação com a *construção discursiva do referente*, na compreensão de *discurso sobre*, articulando-as às *formações imaginárias* e à *interpretação*” (ibid., p.28 – grifos da autora). Compreender esse funcionamento nos permite analisar os processos de produção de evidências, os deslizos, as rupturas, a resistência e o silêncio nos diferentes discursos sobre a cidade. Passamos a escutá-la de outro modo:

A lenda da Praia de Mussun Cuara diz que o lugar abriga uma cobra adormecida e quem morre afogado ali acaba servindo de alimento para ela. Crendices à parte, essa praia é um ponto de encontro dos moradores e turistas da cidade. A lenda da Ilha Adana diz que Buburi e Curucui são duas cordeiras que representavam dois índios guerreiros que disputavam o amor da linda índia Adana. Como ela havia fugido com Curucui de canoa, Buburi foi atrás do casal e os alcançou no meio do rio. Eles lutaram e todos eles morreram afogados. Os corpos dos dois guerreiros se transformaram nas cordeiras e a bela índia, que também morreu entre seus pretendentes, tornou-se a ilha que recebeu seu nome. (KAUSS et al., 2017, p.98)

É interessante observar que a lenda da Praia de Mussum Cuara diz respeito a um lugar na praia onde há um buraco fundo na margem do rio, popularmente denominado “boca do Mussum”, uma espécie de poço que à primeira vista lembra uma pequena piscina natural, mas que oferece risco de morte aos banhistas desavisados. Há placas sinalizando esse espaço da praia como um local que oferece alto risco de afogamento.

Outro destaque que merece nosso olhar atento é a serra de Curicuriari, cujo nome popular, “Bela Adormecida”, mobiliza um imaginário não identificado com as histórias e lendas indígenas, mas com um conto de fadas clássico contado ao longo de algumas gerações e adaptado ao cinema pela Disney nos idos dos anos 1950, no século XX. A imagem da serra, cujos contornos podem dar a impressão de se estar apreciando uma obra de arte, reforça sentidos sobre a estreita relação entre a cidade e a floresta, entre o urbano – ocupado, construído – e a natureza com suas formas originárias, imaculadas.

Figura 2: Vista para a Bela Adormecida desde a Praia Grande, em frente à cidade de São Gabriel da Cachoeira.



Fonte: Clóvis Miranda/Amazonastur

A denominação Bela Adormecida, no entanto, opera na contradição entre o conto de fadas e a lenda amazônica, como podemos compreender a partir da tese de Elma Nascimento de Souza (2019) sobre o Festibal Cultural das Tribos Indígenas do Alto Rio Negro, organizado pelas tribos Baré, Tukano e Filhos do Rio Negro em São Gabriel da Cachoeira. Segundo a autora, uma das músicas que foi tema do Festibal, neste caso cantada e dançada pela tribo Tukano, fala sobre a “Casa de Pedra”, como vemos nos seguintes versos:

[...] Casa de pedra é lenda é mistério será um encanto
Somente os que olham para natureza com coração podem ver
Nossos ancestrais viam casa de pedra todas as manhãs
Casa de pedra basta olhar com coração [...] (ibid. p.156)

A “Casa de Pedra”, segundo Souza, “diz respeito às montanhas, às serras que são chamadas divindades materializadas em pedras como sendo moradias de um deus” (ibid. p.165). O depoimento que destaco a seguir nos permite compreender o modo como a Bela Adormecida é interpretada pelos indígenas que vivem em São Gabriel da Cachoeira:

[...] são divindades materializadas em pedra ou é realmente a moradia de um deus, por exemplo aqui Curicuriari, a Bela Adormecida duas divindades, o Basebó e do Wariró. Na verdade, o Basebó é genro do Wariró, porque o Basebó é o pai criador da mandioca, da maniva, então por exemplo, a serra do Curicuriari é a morada de duas divindades [...] (id.)

Com base na sequência acima, nos damos conta do modo como os sentidos se deslocam ao denominar a serra de Curicuriari como “Bela Adormecida”, a partir do conto criado pelo homem branco, europeu⁷ – o colonizador –, numa identificação com determinada formação discursiva.

⁷ A estória da Bela Adormecida tem versões atribuídas a alguns autores, dentre eles: Giambattista Basile, escritor **italiano** que criou a primeira versão do conto em 1634, com o título “Sol, Lua e Tália” (QUINDIM, 2023); Charles Perrault, escritor **francês** que publicou uma versão mais conhecida em 1697, inspirada no conto de Basile, com o título “A Bela Adormecida no Bosque” (id.) e os Irmãos Grimm, dois acadêmicos **alemães** que, em 1812, publicaram a versão mais parecida com a que conhecemos, sob o título “A Rosa dos



Observamos como a imagem da silhueta de uma mulher deitada que faz alusão à protagonista do conto de procedência europeia silencia outras possibilidades de interpretação, outras relações a partir de identificações com outros modos de dizer e de produzir sujeitos e sentidos nessa diversidade étnica.

As histórias e as lendas indígenas materializam a mística desse lugar, organizando modos de interpretar e de se posicionar no mundo. Esses diferentes gêneros literários se imbricam na memória histórica e social da cidade onde os sentidos deslizam “instaurando uma forma de relação entre os sujeitos sociais” (ORLANDI, 2003, p.10), constituindo-se na relação entre indígenas e não indígenas – o branco, o colonizador – a quem essa conexão com os elementos da natureza não produz os mesmos efeitos, provocando uma disputa de sentidos nesse espaço de significação.

Há uma memória social que nos constitui de modo mais ou menos inconsciente. Por vivermos na cidade, nós já temos em nós uma certa memória de cidade, que faz com que não tenhamos, a todo momento, que nos perguntarmos pelos seus sentidos: já nos filiamos a certos sentidos, já nos significamos implicitamente como urbanos e funcionamos nesse modo significativo dentro desse espaço. (ORLANDI, 2003, p.9)

A autora designa esse processo como “‘economia do estereótipo’, das ideias recebidas, do senso comum” (id.) e explica:

[...] quem vive no espaço urbano sabe que uma rua é uma rua, sem estar definindo isso o tempo todo: sabe que na rua há carros, por exemplo, coisa que é diferente no meio de floresta amazônica. Esse espaço específico tem portanto memória urbana. É um espaço signifiante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória. Quando se fazem gestos em relação a essa memória se está transformando, modificando, ou não, essa memória. Ou se está ratificando essa memória ou se está rompendo com ela. (id.)

Os indígenas, que constituem a maioria da população de São Gabriel da Cachoeira, vivem entre suas comunidades, na floresta amazônica, e o centro da cidade. Algumas etnias têm mais contato com essa parte da cidade – inclusive a maioria dos habitantes da zona urbana é indígena –, outras menos, mas em algum momento os indígenas que vivem nas comunidades que fazem parte da Cabeça do Cachorro se deslocam para o centro urbano em busca de mantimentos e para receber seus benefícios sociais. Esse movimento significa também um deslocamento de sentidos na imbricação entre a floresta e a cidade. Não sem resistência, os indígenas se constituem sujeitos nessa ruptura, no momento em que “se encontram em uma espécie de limbo” (RIZENTAL, 2023, p.40), momento em que a floresta é deixada para trás, ainda que por pouco tempo, e o centro urbano para onde eles se deslocam é o espaço de significação em que os sentidos se tornam outros. Lagazzi (1988, p.78) diz que “na prática discursiva a realização da ideologia imprime outros sentidos

Espinhos” (id.) na obra Contos de Grimm”. Em 1959, Walt Disney, procedente “de uma família de imigrantes (pai de ascendência **irlandesa** e mãe **alemã e inglesa**)” (ANHEMBI MORUMBI), produziu a versão – em animação – mais popular da história.



à resistência. Na determinação material das forças a luta de resistência é por mudança e contra a mudança.”

O centro da cidade é o lugar do homem branco⁸, mas também do indígena que compartilha a urbanidade com o homem branco e do indígena que vive fora dessa dinâmica e preserva os costumes e as tradições das comunidades.

Por isso, a importância de compreendermos a cidade levando em conta o modo como diferentes formações discursivas se cruzam, a partir de diferentes memórias do social em condições de produção específicas, compreendendo quão intrincadas podem ser as relações que se constituem nas demandas de uma sociedade com particularidades que mobilizam um imaginário complexo dentro dessa diversidade social: o originário, o tradicional, o estrangeiro, o moderno.

3 ÁGUA BRANCA

Orlandi (2003, p.8), reflete sobre a cidade na modernidade, colocando-a como ponto central para a compreensão dos processos de significação, do modo como se constituem os sujeitos e os sentidos na sociedade e na história. Olhar para a cidade a partir dessa perspectiva é fundamental para compreender o “conjunto de reflexões que interrogam a própria noção de ‘humanidade’ e de ‘sociabilidade’”. Compreender “o que somos”, como funcionamos “enquanto seres simbólicos e históricos-sociais” (id.). Para isso, consideramos importante observar como circulam os sentidos sobre a cidade, como os sujeitos ocupam os espaços e como são produzidos os gestos de interpretação.

Uma das primeiras informações sobre a Cabeça do Cachorro, dita logo na chegada como algo relevante àqueles que consideram a possibilidade de uma estadia prolongada ou de fixar residência na região, diz respeito à água que sai das torneiras. Essa informação circula a partir de um modo de qualificar, definir, denominar.

Como digo anteriormente, São Gabriel da Cachoeira é abastecida pela água que vem do Rio Negro e pela água captada dos poços artesianos. Essa é a chamada “água branca”, que ainda que tampouco seja uma água tratada, não é difícil presumir que contenha uma quantidade menor de resíduos e impurezas do que a água retirada diretamente do rio. Mas do modo como é dita, pela cor que mais funciona como um nome, escutamos – na transparência dos sentidos – um efeito de oposição à água escura do Rio Negro. Contudo, “a prática urbana é uma prática significativa em que nós nos significamos e significamos os outros” (conf. ORLANDI, 2003, p.13) e as coisas que fazem parte do entorno. “Água Branca” não diz apenas sobre translucidez, mas nos convoca a perguntar: água branca para todos?... para quem? como esse modo de dizer significa a cidade de São Gabriel da Cachoeira, as relações e as disputas nesse espaço de intensa diversidade étnica e linguística? o que esse modo de nomear silencia? o que é posto em evidência?

Compreendendo que “nomear é *dar existência simbólica* às coisas” (FEDATTO, 2011, p.107) e que, ainda que as coisas já existam, elas se tornam acessíveis através do nome que “desenha fronteiras e organiza o mundo, criando distinções e inexistências” (id.), nos damos conta de que, nos processos de significação, diferentes formas de nomear as coisas estabelecem disputas de sentido em condições de produção específicas. Nomear “água branca” em determinada região do interior do Estado do Amazonas não é o mesmo que dizer água branca em outras regiões como, por exemplo, no Sudeste ou do Sul do Brasil.

⁸ Para os indígenas, branco é todo aquele que não é indígena: brancos, negros, pardos etc.



Lembremos que o fluxo da água é primordial ao modo de organização dessa cidade. A água dá o tom do cotidiano de quem vive na região do alto Rio Negro e em todo o interior do Estado. O curso do rio, dos igarapés e as chuvas dão ritmo à relação entre os sentidos e as diferentes posições de sujeito nesse espaço de significação. Esse processo produz uma memória social que é reforçada ou modificada por gestos que rompem com a formação discursiva dominante.

Parafraseando Orlandi (2003), diferentes espaços de significação – regiões, Estados, cidades – instauram diferentes modos de relacionamento entre os sujeitos sociais. Por exemplo, em virtude das mudanças climáticas, várias regiões do Sudeste do Brasil recebem o anúncio das chuvas como ameaças. Alarmes, alertas no celular, e-mails, os mais diversos avisos para que as pessoas se protejam, busquem abrigo ou nem saiam de casa produzem sujeitos em total desconexão com a natureza. Um fenômeno da natureza se transforma em sinônimo de destruição e tragédia, produzindo medo e ansiedade extrema, “rompendo sentidos na conjuntura anterior de significação, rompendo com uma certa memória” (ORLANDI, 2003, p.10) e instaurando algo diferente. Os sentidos produzidos pelas chuvas em São Gabriel da Cachoeira são outros. É muito comum ver pessoas andando tranquilamente debaixo do que chamamos “pé d’água” nas ruas do centro urbano. Isso seria considerado perigoso em alguns bairros de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, do mesmo modo que em algumas cidades localizadas no interior desses Estados. Quando perguntamos sobre a necessidade de nos protegermos da chuva, escutamos risos e vemos expressões de espanto e até mesmo de incompreensão. Para os gabrielenses⁹ não faz sentido algum correr ou proteger-se da chuva do dia-a-dia. A chuva faz parte da rotina dessa cidade, é bem-vinda, não destrói¹⁰ e não produz pânico. Do mesmo modo que o verde da floresta colore toda a região, que pássaros das mais variadas espécies migram diariamente, seguindo a mesma rota em horários específicos, a água da chuva reforça a memória social daquilo que é natural, esperado e desejado para o equilíbrio do meio ambiente, significando esse espaço, os sujeitos e os sentidos que nele se constituem. A relação com a água nessa região do Brasil produz não apenas um *modus operandi* diferente, mas também uma compreensão diferente do mundo e do modo de sentir(se) e situar-se nele.

A água dos rios conecta a Capital ao interior do Estado, as cidades do interior entre si, as cidades às comunidades indígenas, as comunidades indígenas entre si, o centro urbano de São Gabriel da Cachoeira às diversas comunidades que compõem o município, aproximando ou distanciando povos e etnias, produzindo encontro e isolamento, contribuindo para o desenvolvimento coletivo ou “criando distinções e inexistências” (op.cit.).

Mas em São Gabriel da Cachoeira a água tem cor. Não se trata de uma cor cientificamente registrada, mas da cor que produz sentidos no cruzamento entre diferentes formações discursivas:

Figura 3: Excerto extraído de comentários da página da Prefeitura no Facebook

⁹ Gabrielense é o gentílico designado àqueles que nascem em São Gabriel da Cachoeira.

¹⁰ Obviamente com exceção de um acidente ou outro causado por chuvas acompanhadas de descargas elétricas.



Tem que botar **agua branca** p nois ae Sr. Prefeito... nem q seja mandar puxar agua branca la da cabeceira do igarapé.. lá onde a agua é branca.

3 a Curtir Responder



Fonte: página da Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira no Facebook

Vale salientar que já foram realizados estudos sobre as cores das águas dos rios amazônicos. Segundo o Portal Amazônia (2021), na década de 1950 foram identificadas três colorações predominantes nas águas dos rios: a cor negra, a branca e a clara, cujo tom pode apresentar-se esverdeado ou transparente. O pesquisador Eduardo Antonio Rios-Villamizar, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA/MCTIC), afirma que as cores dos rios podem determinar a qualidade dos nutrientes, o tipo de solo e a “quantidade de materiais orgânicos, como ácidos húmicos e fúlvicos”. De acordo com o pesquisador, a tonalidade das águas negras, aparentemente escuras, quando colocadas em um recipiente transparente variam entre o marrom e um tom mais avermelhado. As águas brancas possuem uma coloração barrenta, em função da grande concentração de metais alcalino-terrosos e carbonatos.

As cores das águas mudam de acordo com suas características químicas, mas, além disso, vários outros fatores podem pigmentar as águas, como, por exemplo, a presença de algas e o local em que se apresenta, se mais raso ou profundo. Também podem influenciar na coloração das águas dos rios fatores como captura de imagens, condições de iluminação e época do ano. (PORTAL AMAZÔNIA, 2021)

Sobre as águas vermelhas, encontradas em São Gabriel da Cachoeira, interior do Amazonas, o pesquisador é enfático ao dizer que são águas negras. “A coloração é bem avermelhada, mas se trata de águas negras, pois são águas ácidas, com alta quantidade de ácidos húmicos, e pode se encaixar dentro dessa categoria. Em geral, as categorias não são bem definidas, tem uma ampla variabilidade de cores”, conta o doutor Eduardo Rios-Villamizar. (id.)

São Gabriel da Cachoeira é apontada na pesquisa do INPA como um lugar de águas negras, águas do Rio Negro, mas é a água dos poços artesianos que evidencia as relações de poder nesse lugar. Cabe enfatizar que a água de poços artesianos pode dar a sensação de transparência, mas costuma se aproximar dos tons amarelados, especialmente quando apresenta grande quantidade de ferro e magnésio (FUSATI, 2023).

A partir desses esclarecimentos, compreendemos que o modo como os sujeitos e os sentidos se constituem afetados pela denominação diz respeito ao simbólico, algo que no funcionamento das relações de força desloca sujeitos e sentidos.

¹¹ Imagem de comentários a um post do prefeito de São Gabriel da Cachoeira na página da Prefeitura da cidade no facebook, em 2020.

Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeiturasaogabrieldacachoeira/posts/cl%25C3%25B3vis-curub%25C3%25A3o-prefeito-reeleito-confirma-%25C3%25A1gua-para-s%25C3%25A3o-gabriel-da-cachoeira-o-e/1029690217513489/>. Acesso em: 15/07/2024.



Sabemos que o acesso à água é necessário em qualquer lugar, sabemos que a cidade é abastecida com água do rio e água subterrânea, mas ao dizer sobre a água – como coisa que já existe, mas que não está disponível para todos – nomeando-a “água branca”, o sujeito não apenas a torna acessível, mas também traça fronteiras que significam e organizam esse espaço. A reivindicação da água da cabeceira do igarapé, na sequência discursiva destacada mais acima, diz muito mais do que uma necessidade básica: diz sobre o modo como o sujeito se posiciona nesse espaço, diz sobre pertencimento e o direito de nomear, singularizando, agregando valor simbólico àquilo que se dá nome. Os sentidos deslizam entre necessidade, direito e desejo, entre conhecimento, informação e convicção: “lá da cabeceira do igarapé... lá onde a água é branca.” Verbo *ser*, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, funcionando como afirmação e não apenas desejo.

Esse processo se desdobra no momento em que a falta se faz presente:

Figura 4: Excerto extraído de comentários da página da Prefeitura no Facebook

Espero que seja **água branca** e potável...não nas biqueiras...mas água branca encanada em todos os cantos do município e no interior também...ÁGUA É VIDA...

3 a Curtir Responder

Fonte: página da Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira no Facebook

Há uma falta, uma falha no ritual. A “água branca”, desejada, reivindicada, não necessariamente é potável, não atende as demandas básicas de uma sociedade que, como qualquer outra, espera desenvolver-se num lugar onde as condições estruturais possam garantir práticas saudáveis e qualidade de vida. “[...] água branca e potável” materializa, na conjunção aditiva, a confirmação de algo relevante àquela sociedade: não basta ser água branca, tem que ser apropriada para consumo. “ÁGUA É VIDA”: novamente o verbo *ser*, produzindo sentidos de permanência, declarando e fechando a sequência discursiva em letras maiúsculas. O grito, o protesto materializado na língua.

Denominar o que quer que seja a partir daquilo que remete ao desejável, ainda que não se saiba em que momento o desejável se tornará realizável, “não é um gesto aleatório, é uma interpretação no nível do simbólico” (COSTA, 2014, p.79), uma tomada de posição que inscreve aquele que denomina em uma formação discursiva determinada que cristaliza ou apaga sentidos.

[...] a denominação é um importante mecanismo ideológico de produção de silêncio, já que, de acordo com Orlandi, “toda denominação acarreta um silêncio que o fato mesmo de nomear produz. Toda fala instala espaços de silêncio e o ato de nomear recorta esses espaços definindo-os.” Visto desse modo, denominar tanto é silenciar quanto definir. (ORLANDI, 1989, p.42, apud COSTA, 2014, p.112)

A denominação silencia um acontecimento¹²: a população de uma cidade inteira convive com a falta de água potável. Tem água para todos, mas apenas algumas regiões da cidade

¹² Michel Pêcheux (2008[1998], p.17), define acontecimento como algo que se passa no “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória.”



consomem água extraída dos poços artesianos, cuja quantidade de resíduos é menor do que a quantidade encontrada na água do rio. Entretanto, branca ou negra, a água que abastece a cidade de São Gabriel da Cachoeira ainda não recebe tratamento. Sabemos que isso não acontece apenas nessa região, que muitas cidades em diferentes regiões do Brasil vivenciam condição idêntica e, por isso mesmo, o que destaco nessa análise diz respeito ao modo como o sujeito, ao dizer, pedir, recomendar a “água branca” – cor que mobiliza um imaginário de pureza, transparência, limpeza, saúde – qualifica a água subterrânea silenciando não apenas a questão do não fornecimento de água potável, mas, sobretudo um posicionamento dentro desse espaço de significação. Alguns têm acesso à “água branca”, outros têm acesso à água do rio. Água Branca funcionando enquanto denominação que opera nos processos de significação da cidade

[...] se constitui por relações de força, por disputas, por imposições, por silêncios. Funciona atestando a existência, designando, descrevendo, qualificando, explicando não só pelo que se diz: também pelo que não se diz. Instala-se no interdiscurso, im-pedindo outras significações, disfarçando as tensões e, ao mesmo tempo, dando corpo à fuga dos sentidos. (FEDATTO, 2009, p.65)

A “água branca” é algo que requer esforços, mudanças estruturais, investimentos, negociações, acordos, enquanto a água do rio flui abundantemente, especialmente na época da cheia, mas essa água é ainda menos própria para o consumo. Os dizeres que circulam nessa cidade materializam a contradição entre a abundância e a carência, entre o desejável e o irrealizável, ao menos por ora.

Foi cavado um poço e, com a energia solar, é puxada '**água branca**', isso ajudou muito. As crianças estavam 'pegando' muita diarreia e agora não", explicou Auxiliadora ao desembargador-corregedor e equipe da CGJ. (CGJ-AM, 2023 – negritos meus)

Devido à seca, a água está fervendo, está bastante quente para beber. Estamos com diarreia e dor de cabeça. E está descendo mais sujeira dos igarapés. Fomos tentar cavar poço na beira do rio para achar **água branca** para tomarmos e ter saúde para nossos filhos e para os idosos". (ISA, 2023 – negritos meus)

Sujeitos e sentidos se constituem nesse deslize entre a abundância e a privação. Um espaço significado pela presença do verde, das serras, dos rios, da diversidade étnica e linguística, mas igualmente significado pela necessidade de engajar-se, pactuar deveres e compromissos para conviver com grandes desafios.

Figura 5: Excerto extraído de comentários da página da Prefeitura no Facebook

Espero q realmente realize o sonho do povo Gabrielense, **AGUA Branca**, encanada em todas as casa dos eleitores principalmente nos bairros distante do centro. politico entra , sai nada de agua descende ,isso se chama SAUDE.

3 a Curtir Responder

Fonte: página da Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira no Facebook



A falta é materializada no gesto de denominar. Branco é o sonho, branca é a água desejada, idealizada. A água considerada mais adequada ao consumo, pelos gabrielenses, é denominada desse modo e não de outro. E determinadas formas de denominar ampliam ou limitam as possibilidades das coisas as quais denominam ao desencadear “processos discursivos resultantes de deslocamentos de significações na articulação com outras denominações” (COSTA, 2014, p.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, localizada no extremo Noroeste do Brasil, no interior do Estado do Amazonas, às margens de um dos maiores rios da Amazônia, numa região igualmente denominada Cabeça do Cachorro, “água branca” – e outras formas de denominar que tratamos nesse artigo – produz disputas na relação entre os sujeitos e os sentidos nesse lugar onde a contradição se materializa entre a riqueza e a escassez, o místico e o mundano, o originário e o construído: verde e acinzentado.

Como diz Fedatto:

Não é nas grandes pinceladas, nas cores que saltam aos olhos, no flagrante, nas autobiografias, no já-dito e repetido, no generalizado, no conteúdo que se descobre o autor do quadro, do crime, do trauma, da trama. São os gestos, os jeitos das pontas: dos dedos e das falas. Pontas de linguagem que se mostram no limiar do significante. Simbólico. (FEDATTO, 2005, p.129)

No ir e vir entre a cidade e a comunidade, na cheia e na vazante, nos dizeres do cidadão gabrielense, nas lendas e nas práticas indígenas, na luta por melhores condições, no silêncio e na resistência, as pistas emergem dos discursos que ao cruzar diferentes formações discursivas direcionam os sentidos de diferentes formas.

Por tudo isso e muito mais, essa reflexão oferece entradas para pensar essa cidade, debruçar-se sobre sua memória e abrir-se às novas possibilidades, render-se ao fluxo de sua cotidianidade e, quem sabe, transformar algo, resistir e perscrutar os deslizos dos sentidos sobre aquilo que escapa aos efeitos de evidência. Produzir sentidos no silêncio, nos gestos de interpretação, nas pontas de linguagem que mostram a cidade em sua beleza e exuberância, mas também na falha, na ausência; no ritmo das coisas que já existem; das que se tem acesso e das que (se) transformam tornando-se acessíveis; nesse espaço simbólico significado por tudo o que nele flui, assim como o curso da água que corre nas margens da Cabeça do Cachorro.

REFERÊNCIAS

COMUNIDADE Waruá recebe a visita da equipe da Corregedoria-Geral de Justiça na semana das homenagens aos povos indígenas. **CGJ-AM**. 19/04/2023. Disponível em: <https://www.tjam.jus.br/index.php/cgj-sala-de-imprensa/cgj-noticias/8305-comunidade-warua-recebe-a-visita-da-equipe-da-corregedoria-geral-de-justica-na-semana-das-homenagens-aos-povos-indigenas>. Acesso em: 15/07/2024.

CONHEÇA as diferentes cores de águas em rios da Amazônia e entenda suas mudanças. **Portal Amazônia**. 05/07/2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-as->



diferentes-cores-de-aguas-em-rios-da-amazonia-e-entenda-suas-mudancas/. Acesso em: 13/07/2024.

CONTOS infantis e suas muitas versões: A Bela Adormecida. **Quindim**. 24/01/2023. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/contos-infantis-a-bela-adormecida/#:~:text=A%20vers%C3%A3o%20do%20escritor%20franc%C3%AAs,do%20pr%C3%ADncipe%20que%20a%20descobriu>. Acesso em: 18/04/2025.

COSTA, G. C. da. **Sentidos de milícia**: entre a lei e o crime. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

DISTÂNCIA entre São Gabriel da Cachoeira e Manaus. **DistânciaCidades.net**. Brasil. Disponível em: <http://br.distanciacydades.net/distancia-de-sao-gabriel-da-cachoeira-a-manaus>. Acesso em: 13/07/2024.

ETNIAS do Rio Negro. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Etnias_do_Rio_Negro. Acesso em: 10/04/2025.

ETNOTURISMO: São Gabriel da Cachoeira proporciona experiências com a cultura e história dos povos originários. **Amazonastur**. 2023. Disponível em: <https://www.amazonastur.am.gov.br/etnoturismo-sao-gabriel-da-cachoeira-proporciona-experiencias-com-a-cultura-e-historia-dos-povos-originarios/>. Acesso em: 05/04/2025.

FEDATO, C. P. Trajetos (,) Imprevistos (,) Sentidos na Cidade. **Rua**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p.129–132, 2005. DOI: 10.20396/rua.v11i1.8640780. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640780>. Acesso em: 08/04/2025.

FEDATO, C. P. Língua na Rua: Margens do Sujeito. **Rua** [online]. 2009, no. 15. Volume 1 - ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-9911. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/capaArtigo.rua?id=69>. Acesso em: 08/04/2025.

FEDATO, C. P. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

GOMES, R. C. M. **Território e línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira - AM**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). Manaus, AM: [s.n.], 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3955>. Acesso em: 13/07/2024.

IBGE cidades. **São Gabriel da Cachoeira**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/sao-gabriel-da-cachoeira/panorama>. Acesso em 13/07/2024.

INDÍGENAS do Alto Rio Negro (AM) relatam sensação de ‘água fervendo’ e igarapés intransitáveis. **ISA, Instituto Socioambiental**. 09/10/2023. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/indigenas-do-alto-rio-negro-am-relatam-sensacao-de-agua-fervendo-e>. Acesso em: 15/07/2024.



KAUSS, V. L. T.; OLIVEIRA, J. H. C. de; SILVA, C. A. P. da. **A literatura indígena em São Gabriel da Cachoeira-AM**: diálogo interdisciplinar com a história de ocupação do Alto Rio Negro. Revista Valore, Volta Redonda, 2 (1): 91-102., Junho/2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22408/reva1220174991-102>. Acesso em: 06/04/2025.

LAGAZZI, S. **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 1998.

MODESTO, R. **“Você matou meu filho” e outros gritos**: um estudo das formas da denúncia. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2018.

ORLANDI, E. P. Bolsões, Fechamentos e Cia. **Rua**, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p.7–18, 2003. DOI: 10.20396/rua.v9i1.8640745. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640745>. Acesso em: 06/04/2025.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi – 5ª edição. Campinas, SP. Pontes Editores: 2008[1998].

POÇO artesiano. **InfoEscola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/hidrografia/poco-artesiano/>. Acesso em: 13/07/2024.

QUAL é a cor da água? **Fusati**. 18/01/2023. Disponível em: <https://www.fusati.com.br/qual-e-a-cor-da-agua/>. Acesso em: 26/07/2024.

QUEM foi Walt Disney? História, curiosidades e crenças. **Anhembi Morumbi. Campus Athon Sorocaba**. 27/07/2021. Disponível em: <https://athonedu.com.br/blog/quem-foi-walt-disney/>. Acesso em: 18/04/2025.

RIZENTAL, S. S. **O lá que resiste aqui**: sentidos de e sobre refugiados. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2023.

‘SÃO Gabriel da Cachoeira, cidade mais indígena do País, será novo campus da UFAM’, anuncia governo federal. **UFAM**. 10/06/2024. Disponível em: <https://ufam.edu.br/noticias-destaque/5878-sao-gabriel-da-cachoeira-cidade-mais-indigena-do-pais-sera-novo-campus-da-ufam-anuncia-governo-federal.html>. Acesso em: 13/07/2024.

SOUZA, E. N. de. **Festibal de São Gabriel da Cachoeira-AM**: festa e relações interétnicas. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, AM: [s.n.], 2019.

YOUTUBE. **Cerimônia de Posse da Nova Diretoria da FOIRN – Gestão 2024-2028**. 1 vídeo (3:09:10 min.). Publicado pelo canal YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/live/4aJ4zkzYU5E?si=gR2JCIfN7S0QB8-I>. Acesso em: 02/08/2024.



ZOPPI-FONTANA, M. G. É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p.202-215.